

PROJETO VOZES E VIDAS NA ESCOLA: CAPACITAÇÃO EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROJECT VOICES AND LIVES AT SCHOOL: TRAINING IN GENERATIVE ARTIFICIAL INTELLIGENCE FOR INCLUSIVE EDUCATION

Filipe Silva da Fonseca [1]

Samantha Yumi Tanaka [2]

Vinícios Trindade Costa [3]

Wictor Emanuel Ponte Menezes [4]

Beatriz Rodrigues de Barcelos [5]

RESUMO

Este relato detalha o “Projeto Vozes e Vidas na Escola: Capacitação em Inteligência Artificial Generativa para Educação Inclusiva”, oriundo de um projeto de extensão da Universidade Católica de Brasília que focou na aplicação de inteligência artificial (IA) generativa para adaptação de conteúdos e avaliações. Por meio de aulas remotas, os participantes aprenderam a elaborar comandos para personalizar atividades para alunos neurodivergentes. Os resultados indicam a viabilidade da IA na personalização do ensino, promovendo autonomia e reduzindo barreiras pedagógicas.

Palavras-chave: Inclusão educacional; Inteligência artificial; Capacitação docente; Neurodiversidade; Tecnologia educacional; Extensão Universitária.

[1] Acadêmico em Engenharia de Software da Universidade Católica de Brasília. E-mail: filipe.fonseca@a.ucb.br

[2] Acadêmica em Engenharia de Software da Universidade Católica de Brasília. E-mail: samantha.tanaka@a.ucb.br

[3] Acadêmico em Engenharia de Software da Universidade Católica de Brasília. E-mail: vinicios.costa@a.ucb.br

[4] Acadêmico em Engenharia de Software da Universidade Católica de Brasília. E-mail: wictor.menezes@a.ucb.br

[5] Orientadora. Doutora em Ciências e Tecnologias em Saúde, docente da Universidade Católica de Brasília.

E-mail: beatrizr@p.ucb.br

ABSTRACT

This report details the “Projeto Vozes e Vidas na Escola: Capacitação em Inteligência Artificial Generativa para Educação Inclusiva”, which originated from an extension project at the Catholic University of Brasília that focused on the application of generative artificial intelligence (AI) to adapt content and assessments. Through remote classes, participants learned to develop commands to personalize activities for neurodivergent students. The results indicate the viability of AI in personalizing education, promoting autonomy and reducing pedagogical barriers.

Keywords: Educational inclusion; Artificial intelligence; Teacher training; Neurodiversity; Educational technology; University extension.

1. INTRODUÇÃO

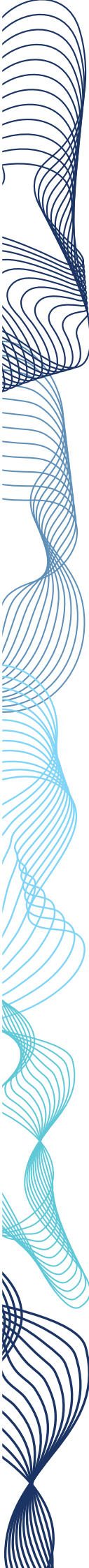
A garantia da inclusão de alunos neurodivergentes tem se revelado um desafio complexo no contexto educacional. O atual sistema tradicional de ensino brasileiro prioriza a padronização, levando o estudante a se adaptar a um formato que nem sempre é o melhor para ele. Segundo Araújo, Silva e Zanon (2023), essa dinâmica ignora a diversidade e contribui para a manutenção de barreiras que impedem o desenvolvimento integral do estudante. Tal falta de acolhimento gera a rotulação e o estigma, afastando o aluno de um ambiente que deveria ser inclusivo.

Uma das maneiras de tornar o ensino mais equitativo para alunos neurodivergentes é adaptar os materiais. No entanto, a criação manual desses materiais para várias turmas sobrecarrega o docente, tornando a prática pouco viável. Pesquisas realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2022 revelam que 43% dos profissionais enfrentam dificuldades para atender às demandas da inclusão devido ao acúmulo de funções e falta de apoio especializado. Esses dados se tornam mais preocupantes quando somados às informações do Instituto Alana/Ipec, que mostram que apenas 4% dos professores que atuam com educação especial possuem formação na área específica.

Segundo Oliveira (2004), quando ocorre um aumento nas responsabilidades educacionais, sem o suporte estrutural, resulta em maior desgaste e insatisfação por parte dos professores. Essa situação evidencia que o Estado falha em cumprir a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que determina que o sistema de ensino deve oferecer suporte especializado para atender às demandas do público da educação especial (BRASIL, 1996). Pesquisas recentes do INEP afirmam que apenas 30% das escolas com alunos da educação especial possuem o Atendimento Educacional Especializado (AEE), sem ele o professor fica responsável por adaptar os materiais.

Diante dessa situação, a Inteligência Artificial (IA) surge como alternativa. Russell e Norvig (2013) definem a IA como um campo que estuda e projeta “agentes inteligentes”, sistemas capazes de perceber o ambiente e tomar decisões para alcançar objetivos. Nesse sentido, a Inteligência Artificial Generativa tem mostrado sua eficácia como ferramenta capaz de gerar materiais adaptados para cada aluno e auxiliar os docentes. É uma poderosa aliada capaz de simplificar textos, criar variados exemplos e personalizar atividades.

O objetivo deste artigo é relatar a experiência do projeto de extensão “Projeto Vozes e Vidas na Escola: Capacitação em Inteligência Artificial Generativa para Educação Inclusiva” e



apresentar a relevância da IA como ferramenta para uma educação inclusiva. A oficina buscou ensinar aos inscitos como utilizar de forma correta os principais Chatbots, como Copilot e ChatGPT, para produzir materiais pedagógicos adaptados para diversas necessidades.

Este projeto integra a iniciativa “Vozes e Vidas na Escola”, desenvolvida na Universidade Católicas de Brasília (UCB) como Extensão Universitária. O objetivo é acolher e oferecer suporte à comunidade escolar do Colégio Católica de Brasília (CCB), com foco especial em estudantes neurodivergentes e/ou em situação de vulnerabilidade pedagógica, socioeconômica e emocional. A iniciativa busca promover a inclusão, o desenvolvimento integral e a valorização da diversidade no ambiente educacional (Vozes e Vidas na Escola, 2025).

A extensão universitária é a ponte que transporta os conhecimentos técnicos dos estudantes para a comunidade, resolvendo um problema real. Sem esse facilitador, a divulgação de conhecimento e a aplicação de projetos estudantis teriam maiores dificuldades em atingir suas metas e impactos desejados. Essa prática cumpre o que foi definido na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, onde as universidades deverão seguir o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988). Nessa perspectiva, um estudo publicado pela Revista Diálogos, de Casarin e Alcanfor (2025), reforça que o incentivo à participação do corpo estudantil em ações que impactam diretamente a sociedade é fundamental, dessa forma contribuindo com o desenvolvimento do país e o enfrentamento da desigualdade social.

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto de extensão “Projeto Vozes e Vidas na Escola: Capacitação em Inteligência Artificial Generativa para Educação Inclusiva” teve como objetivo capacitar professores e estudantes de licenciatura para compreender e utilizar ferramentas de Inteligência Artificial (IA) generativa como apoio à educação inclusiva. As atividades tiveram início com encontros formativos dedicados à apresentação dos fundamentos da IA, seus principais campos de desenvolvimento e suas possíveis aplicações no contexto educacional, especialmente no atendimento a estudantes neurodivergentes.

Conforme preconizado pela Constituição Federal de 1988 e pela Resolução CNE/CES nº 7/2018, a extensão universitária é um pilar essencial do tripé ensino-pesquisa-extensão, promovendo a articulação entre o conhecimento acadêmico e as demandas da sociedade (BRASIL, 1988; BRASIL, 2018). Além disso, destaca-se que no âmbito das universidades confessionais, como a Universidade Católica de Brasília, essa prática possui dimensões éticas e humanistas, e alinha-se à doutrina social da Igreja e aos princípios de solidariedade e dignidade humana, visando contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva (Pontifício Conselho de Justiça e Paz, 2005). Dessa maneira, o projeto exemplifica essa abordagem, ao conectar estudantes universitários de Tecnologia da Informação com a comunidade escolar, transferindo saberes tecnológicos com o fito de enfrentar desafios de inclusão educacional.

A educação inclusiva é fundamentada em normas como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que enfatizam o direito à educação de qualidade para todos, independentemente de diferenças neurológicas, socioeconômicas ou emocionais (BRASIL, 1996; BRASIL, 2008). No contexto brasileiro, a implementação de práticas educacionais voltadas à neurodiversidade ainda representa um desafio, uma vez que o sistema educacional tradicional frequentemente opera a partir de modelos pedagógicos padronizados que nem sempre contemplam as necessidades individuais dos estudantes, levando à exclusão e ao desengajamento (Araújo; Silva; Zanon, 2023). Dessa forma,



verifica-se que há uma demanda por personalização nas adaptações pedagógicas visando promover equidade e desenvolvimento integral (Instituto ABCD, 2019).

A noção de neurodiversidade amplia a compreensão da inclusão educacional ao considerar que as diferenças neurológicas fazem parte da diversidade humana e não devem ser interpretadas apenas sob uma perspectiva médica ou patológica. Nesse sentido, a neurodiversidade propõe uma mudança de paradigma, deslocando o foco da ideia de déficit para o reconhecimento de diferentes formas de funcionamento cognitivo e de aprendizagem.

A neurodiversidade é parte da diversidade humana, essa perspectiva contribui para repensar práticas pedagógicas tradicionais, incentivando abordagens educacionais mais flexíveis, capazes de considerar diferentes ritmos, estilos de aprendizagem e necessidades cognitivas presentes no ambiente escolar.

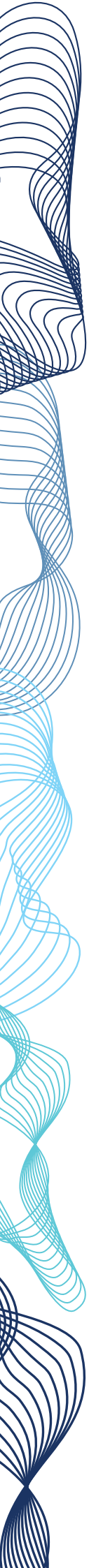
Nesse cenário, a IA generativa surge como uma ferramenta capaz de gerar conteúdos adaptados em tempo real a partir de prompts, com textos simplificados, imagens e exercícios interativos. Definida como um sistema que produz saídas originais baseadas em padrões aprendidos de dados massivos, a IA generativa, exemplificada por ferramentas como ChatGPT, Copilot e Gemini, oferece potencial para mitigar barreiras educacionais, ao proporcionar personalização e suporte assistivo (UNESCO, 2021).

Durante o desenvolvimento do projeto, foram realizadas aulas introdutórias sobre os fundamentos da IA e suas aplicações no campo educacional. Nessas aulas foram discutidos aspectos básicos do funcionamento desses sistemas, exemplos de uso em contextos pedagógicos e estratégias para interação com modelos de linguagem, incluindo noções iniciais de engenharia de prompt, compreendida como o processo de elaboração de instruções claras e estruturadas que orientam a geração de respostas por sistemas de inteligência artificial (VALENTE, 2016). Também foram apresentados exemplos de erros gerados por sistemas de IA, em que se discutiu formas de identificá-los e a importância da supervisão humana na validação das respostas produzidas.

Para além de seu uso instrumental, as tecnologias digitais também modificam a forma como o conhecimento é construído no processo educacional. Nesse contexto, ferramentas baseadas em inteligência artificial podem ampliar as possibilidades de mediação pedagógica ao apoiar processos de reflexão, produção de materiais e organização de atividades de aprendizagem. No entanto, essas tecnologias não substituem o papel do professor, que continua sendo responsável por orientar criticamente o uso dessas ferramentas e avaliar as informações produzidas por elas.

Nesse sentido, a literatura sobre tecnologias educacionais destaca que os computadores podem ser utilizados como instrumentos para ampliar os processos de pensamento e reflexão, permitindo que os sujeitos “pensem com” as máquinas e também “pensem sobre” o próprio pensar (PAPERT, 1980 apud VALENTE, 2016, p. 868). Além disso, a incorporação de tecnologias digitais no ensino exige que o professor atue como mediador do processo de aprendizagem, organizando situações em que os estudantes possam explorar, refletir e construir conhecimento a partir dessas ferramentas (VALENTE, 2016).

Os encontros formativos também promoveram momentos de reflexão sobre o papel das tecnologias digitais na educação contemporânea e suas implicações para práticas pedagógicas inclusivas. Nesse contexto, discutiu-se como a IA generativa pode atuar como ferramenta de mediação pedagógica, auxiliando professores na adaptação de materiais didáticos e na construção de estratégias de ensino mais acessíveis a estudantes com diferentes perfis de aprendizagem.



As discussões concentraram-se especialmente na compreensão teórica do funcionamento dos modelos de linguagem, em suas possibilidades e limites, e em como esses conhecimentos podem ajudar o educador a avaliar materiais produzidos com apoio dessas novas tecnologias. Isso permitiu que os participantes reconhecessem a importância de adotar uma postura consciente diante de qualquer uso pedagógico de ferramentas tecnológicas.

As discussões também contribuíram para ampliar a compreensão dos participantes sobre o cenário educacional contemporâneo e os desafios enfrentados pelos professores no cotidiano escolar.

Entre esses desafios estão a necessidade de adaptação constante de materiais didáticos, a diversidade de perfis de aprendizagem presentes nas salas de aula e as limitações de tempo e recursos para a personalização das práticas pedagógicas.

Nesse contexto, ferramentas baseadas em IA podem atuar como recursos de apoio à elaboração de materiais adaptados e à diversificação das estratégias didáticas voltadas à educação inclusiva. As discussões permitiram que os participantes observassem de que maneira os conceitos teóricos, as experiências práticas e as demandas reais da escola se conectam, tornando mais claro o papel das tecnologias no apoio a estratégias de ensino inclusivas, uma vez que a integração de tecnologias digitais no ensino depende da mediação pedagógica do professor e da capacidade de relacionar esses recursos às práticas reais de aprendizagem (VALENTE, 2016). Esse processo contribuiu para uma leitura mais crítica das ferramentas digitais e seus mecanismos e limites antes de aplicá-las em sala de aula.

Contudo, esses benefícios não são isentos de riscos: autores como Selwyn (2016) e Williamson (2020) alertam para vieses algorítmicos que podem reproduzir desigualdades, dependência cognitiva e vigilância de dados, demandando supervisão ética e crítica para evitar o reforço de estigmas. Nas aulas, também foram abordados aspectos éticos relacionados ao uso de tecnologias baseadas em IA no contexto educacional. Foram discutidos temas como privacidade de dados, confiabilidade das informações geradas, possíveis vieses presentes nos modelos e a necessidade de análise crítica dos conteúdos produzidos automaticamente. Essas discussões buscaram evidenciar que o uso pedagógico da IA exige mediação docente constante e avaliação cuidadosa, especialmente na identificação de limitações que podem influenciar a qualidade do ensino e a integridade das informações.

Ademais, foram ressaltados cuidados específicos relacionados ao tratamento de dados sensíveis e à verificação da precisão das respostas geradas pelo sistema. Destacou-se a importância da supervisão humana como elemento central para garantir que os materiais sejam adequados, seguros e compatíveis com os objetivos educacionais, evitando que preconceitos ou erros técnicos prejudiquem o aprendizado. A reunião desses elementos ampliou a percepção dos participantes sobre a responsabilidade envolvida na adoção de ferramentas digitais, incentivando a consciência e critério no trabalho docente.

Para além dos aspectos pedagógicos e éticos, o projeto também se fundamenta em princípios legais que orientam a educação inclusiva no Brasil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/1996) estabelece, em seu artigo 59, que os sistemas de ensino devem garantir currículos, métodos, recursos e organização pedagógica adequados às necessidades de estudantes com deficiência ou altas habilidades (BRASIL, 1996). De forma complementar, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208, assegura o atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988).



Assim, a fundamentação teórica apresentada indica que a inteligência artificial generativa, quando utilizada como ferramenta pedagógica mediada por princípios éticos e inclusivos, pode ampliar intervenções educacionais em contextos de recursos limitados, contribuindo para a otimização do tempo docente e para o fortalecimento da autonomia discente, ampliando as possibilidades de acesso e participação de estudantes neurodivergentes.

3. METODOLOGIA

O presente artigo adota uma abordagem qualitativa de natureza descritiva e interventiva, caracterizando-se como um relato de experiência extensionista com elementos de pesquisa-ação. Essa metodologia foi escolhida devido à essência formativa da modalidade de capacitação docente em inteligência artificial generativa para educação inclusiva – inserida dentro do projeto maior “Vozes e Vidas na Escola” – que visou capacitar professores do Colégio Católica de Brasília para o uso ético e prático da tecnologia na adaptação de conteúdos e avaliações inclusivas. A intervenção foi proposta devido a emergência das IAs generativas no cenário educacional e pela falta observada na formação continuada de professores, buscando preencher a demanda específica de adaptação de materiais pedagógicos para a promoção da educação inclusiva.

Alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU (NAÇÕES UNIDAS BRASIL), o projeto contribui com metas específicas, destacando-se o ODS 3 (Saúde e Bem-Estar), ao promover um ambiente acolhedor para o aluno neurodivergente, reduzindo a rotulação que frequentemente afeta o bem-estar de estudantes em ambientes pedagógicos não inclusos; o ODS 4 (Educação de Qualidade), ao assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, propondo para os professores uma ferramenta para criar materiais adaptados para cada necessidade específica de cada aluno, além de oferecer um treinamento para o uso correto do instrumento ao educador; e o ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes), pelo fato do treinamento buscar promover práticas inclusivas e proporcionar o acesso a todos, fornecendo aos professores uma capacitação que poderá ajudar a tornar a instituição de ensino mais justa, ao garantir que as práticas inclusivas sejam efetivamente aplicadas devido a praticidade e a facilidade de confecção de materiais didáticos.

O treinamento surgiu como um segmento do projeto de extensão Vozes e Vidas na Escola, executado no segundo semestre de 2025. Antes das atividades da oficina, todos os integrantes da equipe responsáveis pela aplicação de aulas e produção de materiais passaram por uma capacitação que consistiu em uma aula síncrona sobre os fundamentos da IA g'enerativa e orientações metodológicas.

Posteriormente, foram realizadas cinco reuniões com toda a equipe, de forma presencial e online, para definir os conteúdos, a divisão de tarefas e a logística dos horários. O processo para organizar e definir os temas abordados na oficina pode ser comprovado pela Figura 1, que apresenta um registro do final da reunião. Também foi realizada uma visita técnica ao Núcleo de Inclusão e Orientação Pedagógica (NIOP) para o alinhamento, esclarecimento de dúvidas e validação da abordagem metodológica com os especialistas.

Figura 1 – Reunião da equipe para definição do conteúdo programático.



Fonte: Elaboração própria (2025).

O desenvolvimento da ação extensionista foi organizado em três fases principais: planejamento, execução e acompanhamento. Inicialmente, na fase de preparação, realizada entre agosto e setembro de 2025, a equipe de extensionistas, composta por alunos dos cursos de tecnologia da informação, sob a orientação da professora Dra. Beatriz Rodrigues de Barcelos, realizou reuniões periódicas com a coordenação do projeto maior e com o Núcleo de Inclusão e Orientação Psicopedagógica (NIOP) da UCB.

Nesse momento, definiram-se os objetivos específicos do módulo, priorizando a capacitação em engenharia de prompts, configuração de ferramentas de IA generativa e discussões éticas voltadas à inclusão de estudantes neurodivergentes. Por meio de plataformas como o ChatGPT, Copilot e Gemini, a equipe elaborou exemplos de prompts adaptados a perfis como TDAH, Transtorno do Espectro Autista e dislexia. Além disso, também foram produzidos materiais de apoio digitais, incluindo guias de prompts, exemplos de adaptações pedagógicas e roteiros éticos, que posteriormente foram disponibilizados aos participantes.

A fase de execução ocorreu em outubro de 2025, com a realização de quatro aulas on-line semanais para cada turma, cada uma com duração de 50 minutos, oferecidas em três horários alternativos via Microsoft Teams para atender à disponibilidade dos participantes. Toda a estrutura foi desenvolvida para ser flexível, pois o participante precisava cursar apenas um horário por semana, durante quatro semanas.

As sessões foram ministradas em duplas pelos participantes, totalizando quatro duplas responsáveis por uma aula cada, adaptadas para três turmas simultâneas, onde havia o compartilhamento de tela e interação via chat/áudio. Dessa forma, era promovido o rodízio e compartilhamento de experiências. Entre uma aula e outra, havia intervalos de uma semana para assimilação e prática individual. Os participantes poderiam escolher, de acordo com sua disponibilidade, um dos três horários síncronos semanais oferecidos (segunda às 9h, segunda às 19h30 e sexta às 16h).

O conteúdo programático ficou dividido da seguinte maneira: a primeira aula foi sobre os fundamentos da inteligência artificial e o contexto para inclusão. A figura 2 a seguir apresenta um exemplo de aula remota, correspondendo à aula 1. Esse primeiro encontro teve como objetivo geral nivelar o grupo abordando os principais temas introdutórios, em que o foco foi estabelecer o ‘porquê’ do uso da ferramenta, mostrando-a como potencial aliada para a inclusão, ao mesmo tempo foram discutidos as limitações e os riscos. A segunda aula explorou a configuração e a criação básica com os chats de IA, onde houve o avanço do “porquê” para o “como” utilizar a IA, focando na ferramenta central da oficina, o prompt, onde os participantes aprenderam a diferenciar uma “pesquisa” simples de um “prompt” eficaz, além de entenderem os pilares e as estratégias de um bom prompt.

Figura 2 – Encontro síncrono da Semana 1.



Fonte: Elaboração própria (2025).

A terceira aula focou na adaptação avançada de materiais com prompts, onde houve o aprofundando no uso de prompts, em que os participantes aprenderam técnicas avançadas, como o uso de Markdown, e foram abordados os conceitos do Desenho Universal de Aprendizagem (DUA) para personalizar o ensino. A quarta e última aula abordou as aplicações práticas, a ética e os próximos passos, sendo dedicada para ser um momento de reflexão sobre a ética no uso das IAs, as boas práticas e a consolidação dos conhecimentos práticos e teóricos adquiridos.

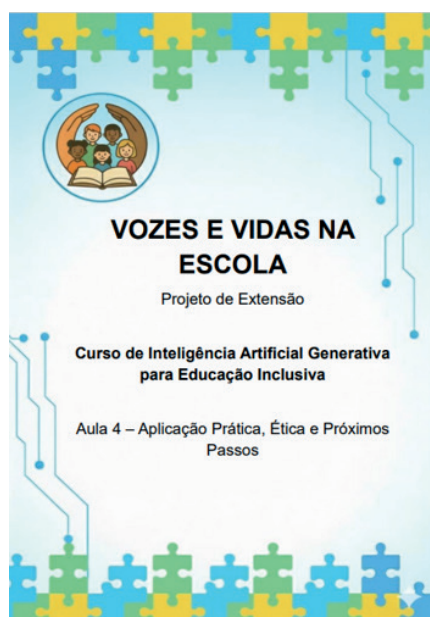
Por fim, na fase de acompanhamento e avaliação, que aconteceu continuamente após cada aula, em outubro de 2025, materiais digitais com o conteúdo das aulas e atividades práticas foram disponibilizados juntamente com um questionário de feedback sobre o conteúdo. Foram coletados dados por meio de formulários Google Forms aplicados ao final de cada aula, contendo questões quantitativas e qualitativas. Os questionários incluíam perguntas abertas e fechadas relacionadas à compreensão do conteúdo apresentado, à utilidade das ferramentas de IA para a prática pedagógica e às dificuldades encontradas durante a utilização das ferramentas.

Além disso, os docentes foram incentivados a enviar voluntariamente produções realizadas. A análise dos dados dos feedbacks e das participações nas aulas permitiu entender se a didática das aulas estava atendendo ao esperado, e também sobre os níveis de engajamento e as dúvidas recorrentes. A análise dos dados seguiu princípios de análise de conteúdo qualitativa temática

Bardin, 2011)), categorizando os relatos em núcleos como desenvolvimento técnico de prompts, apropriação ética das ferramentas, impacto percebido na prática pedagógica inclusiva e dificuldades enfrentadas. Os indicadores quantitativos simples, como percentuais de aumento de confiança, complementaram a interpretação qualitativa.

Para as atividades práticas, o foco foram as ferramentas de IA Generativa de amplo acesso, como ChatGPT, Gemini e Copilot, sendo este último escolhido por ser disponibilizado a versão com recursos estendidos para professores com o e-mail institucional pertencente à plataforma Office 365. Além das aulas síncronas, foram disponibilizados materiais de apoio em formato PDF, contendo o que foi visto nos encontros e conteúdos complementares. A figura 3 apresenta a capa do material didático referente a quarta semana de aula, que abordou os temas de ética e aplicações práticas.

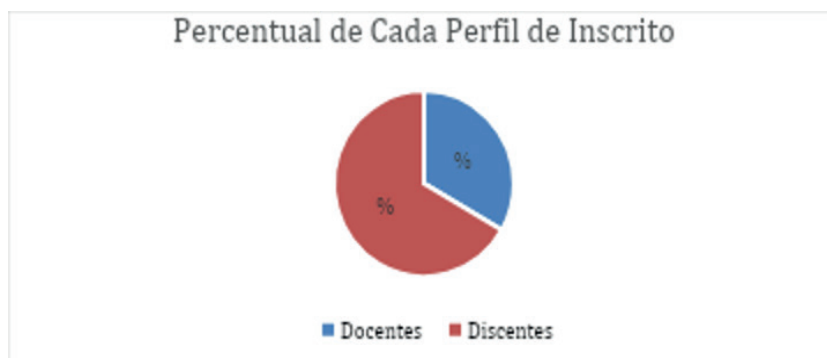
Figura 3 – Capa do material de apoio da aula 4.



Fonte: Elaboração própria (2025).

O público-alvo da iniciativa foram professores, orientadores pedagógicos, universitários e alunos de licenciatura de diversas áreas. O recrutamento de interessados ocorreu por meio de convite institucional encaminhado pela direção do Colégio Católica de Brasília aos seus colaboradores, e por meio de divulgação via e-mail institucional para alunos de licenciatura, demais graduações e corpo docente do Colégio Católica, resultando em uma composição final no qual aproximadamente dois terços eram discentes universitários de outros cursos, e um terço eram docentes e coordenadores da escola parceira, conforme a figura 4 a seguir. Essa composição favoreceu o intercâmbio interinstitucional e o engajamento diversificado. A escolha desse público justifica-se pelo seu impacto direto no processo educacional, pois sem a atuação e a adesão deles, a ação não teria como atingir o propósito esperado.

Figura 4 - Gráfico do Percentual de Perfil sobre o Total de Inscritos.



Fonte: Elaboração própria (2025).

No momento da inscrição, os participantes preencheram um formulário de inscrição indicando informações pessoais básicas e o horário de sua preferência, e teriam que concordar com um termo de consentimento que incluía o uso de imagem (gravações das aulas) a conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), permitindo que as informações não sensíveis fossem utilizadas posteriormente para relatórios e análises sobre todo o ocorrido no período de desenvolvimento do projeto.

Foram observadas limitações perante a natureza remota das aulas, como a dificuldade de avaliar a prática de cada aluno e a ausência de comunicação direta entre tutor e estudante para sanar dúvidas em tempo real. Além disso, a curta duração do projeto, embora acessível, impediu um acompanhamento aprofundado das aprendizagens e da apropriação das ferramentas de IA pelos participantes. Não foi realizado acompanhamento longitudinal após o término da capacitação, o que limita a avaliação de impactos de longo prazo na prática docente e na implementação de estratégias pedagógicas inclusivas. Dessa forma, o foco do estudo permaneceu em detalhar a concepção, o desenvolvimento e a aplicação da oficina, sem possibilitar a mensuração de efeitos sustentados ao longo do tempo.

4.RESULTADOS ALCANÇADOS

A execução do projeto "Vozes e Vidas na Escola: Capacitação em Inteligência Artificial Generativa para Educação Inclusiva" resultou na produção de materiais formativos, como slides, apostilas e gravações das aulas, utilizados como apoio ao processo de capacitação docente. A observação das atividades realizadas, associada aos feedbacks coletados por meio dos formulários aplicados ao final de cada encontro, indicou avanços na familiaridade dos participantes com ferramentas de inteligência artificial generativa e com a elaboração de prompts aplicados ao contexto educacional.

Entre os resultados observados, destacou-se o desenvolvimento de competências práticas relacionadas ao uso dessas ferramentas. Ao longo dos encontros, professores e demais participantes passaram a explorar recursos como ChatGPT, Copilot e Gemini para elaborar e adaptar materiais pedagógicos, utilizando prompts estruturados para gerar conteúdos educacionais ajustados às necessidades de diferentes perfis de estudantes.



Também foi observada uma mudança gradual na percepção dos participantes em relação ao uso da inteligência artificial no ambiente educacional. Inicialmente marcada por dúvidas e incertezas, a tecnologia passou a ser compreendida como uma ferramenta de apoio ao trabalho pedagógico. Nesse contexto, os participantes passaram a reconhecer o potencial da IA para auxiliar na produção de materiais didáticos e na organização de atividades educacionais, contribuindo para otimizar tarefas rotineiras e ampliar o tempo dedicado à mediação pedagógica.

Outro aspecto relevante foi a incorporação de discussões sobre o uso ético da inteligência artificial. Durante as aulas e atividades práticas, os participantes foram incentivados a refletir sobre os limites e responsabilidades associadas ao uso dessas ferramentas. A ênfase na supervisão humana e na necessidade de revisão dos conteúdos gerados foi constantemente reforçada, consolidando-se como um princípio importante para a utilização pedagógica da IA.

O projeto também contou com a participação voluntária de estudantes interessados na temática, que participaram das atividades formativas juntamente com os docentes. Essa participação ampliou o alcance da iniciativa e possibilitou que futuros profissionais da área educacional também tivessem contato com práticas relacionadas ao uso de ferramentas de IA generativa no contexto pedagógico.

Como resultado do planejamento e da execução das atividades, foi produzido um conjunto de materiais de apoio, incluindo apresentações em slides, apostilas, exemplos de prompts e gravações dos encontros realizados. Esse acervo contribui para a documentação da metodologia aplicada e possibilita a continuidade e replicação da iniciativa em outras turmas ou contextos educacionais.

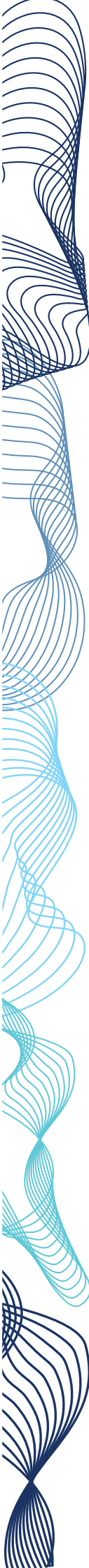
Por fim, a iniciativa também fortaleceu a articulação entre universidade e comunidade escolar, princípio fundamental das ações de extensão universitária. Ao promover a capacitação no uso de ferramentas de inteligência artificial generativa, o projeto favoreceu a circulação do conhecimento acadêmico em um contexto educacional concreto, estabelecendo um espaço de diálogo entre universidade e comunidade voltado à discussão de práticas pedagógicas inclusivas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Projeto Vozes e Vidas na Escola: Capacitação em Inteligência Artificial Generativa para Educação Inclusiva” demonstrou, em sua execução, o potencial transformador da extensão ao integrar saberes tecnológicos aprendidos na universidade com as demandas reais de uma escola parceira, promovendo práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas. Dentro do tripé formativo das universidades, a extensão tem particular importância devido ao fato de buscar aproximar a universidade da comunidade externa, visando promover cidadania, troca de saberes e aplicação prática do conhecimento acadêmico em benefício coletivo.

Nesse contexto, o treinamento ministrado a docentes do Colégio Católica de Brasília sobre inteligência artificial generativa dentro do Projeto Vozes e Vidas na Escola, ao buscar a integração da universidade com a comunidade, se propôs a facilitar o ganho de escalabilidade na produção de materiais e avaliações para alunos neurodivergentes. Os resultados alcançados, embora preliminares e localizados, evidenciaram que o treinamento não se limitou à transferência de ferramentas técnicas, mas fomentou uma apropriação crítica e ética da tecnologia.

Ademais, destaca-se que o Treinamento em IA Generativa para Adaptação de Conteúdos e Avaliações, inserido dentro do Projeto Vozes e Vidas na Escola, representa apenas um pequeno passo dentro de um caminho maior em direção à inclusão. Ainda assim, esse esforço busca contribuir de forma prática para apoiar professores e alunos, mostrando que a tecnologia pode ser usada de



maneira solidária e responsável. Outrossim, há de se destacar que, com a integração entre capacitação, ética e tecnologia, e com o alinhamento entre o espírito da revista Diálogos, as orientações da Unesco para políticas educacionais com a IA, e o atendimento aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, visamos, com este projeto, contribuir para a construção da paz e da equidade social.

Conclui-se, portanto, que o término desse projeto evidenciou que, graças ao engajamento durante a extensão, foi possível contribuir de forma socialmente responsável para promover mudanças na educação e inclusão, reafirmando o papel da universidade como agente transformador da sociedade. Mais do que uma iniciativa meramente burocrática de uma disciplina de extensão da graduação, trata-se de uma ação que fortalece a democratização do conhecimento, amplia horizontes para alunos e professores e sinaliza caminhos inovadores para uma educação que valoriza a diversidade e promove a dignidade humana.

REFERÊNCIAS

ALANA. **Os benefícios da educação inclusiva para estudantes com e sem deficiência**. São Paulo: Instituto Alana, 2022. Disponível em: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Os-beneficios-da-educacao-inclusiva-para-estudantes-com-e-sem-deficiencia.pdf> Acesso em: 8 mar. 2026.

ARAUJO, A. G. R.; SILVA, M. A. da; ZANON, R. B. Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e247367, 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [2025].

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 14 nov. 2025.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 dez. 2018.



CASARIN, Fabiana; ALCANFOR, Silvia Keli de Barros. A extensão universitária na pós-graduação: construindo pontes para a transformação social. **Diálogos**, Brasília, v. 24, n. 1, set. 2025.

FORPROEX. **Política nacional de extensão universitária**. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, 2012.

INEP. **Censo Escolar 2022: apresentação coletiva**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2022/apresentacao_coletiva.pdf . Acesso em: 15 mar. 2026.

INEP. **Resumo técnico do Censo Escolar da Educação Básica 2023**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2024. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2023.pdf . Acesso em: 8 mar. 2026.

INSTITUTO ABCD. **Todos aprendem. Módulo 1: Aprendizagem e neurodiversidade. Como o aluno aprende?** [E-book]. 202X.

LUSTOZA, Natanael Pessoa; BATISTA, Ivanildo Leite; SANTOS, Eric da Silva; OLIVEIRA, Francisco Vandernilso de; SANTOS, Rodiney Marcelo Braga dos. Como a inteligência artificial pode apoiar a educação especial na perspectiva inclusiva? In: CONGRESSO

INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO, 2024, [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: Editora Realize, 2024.

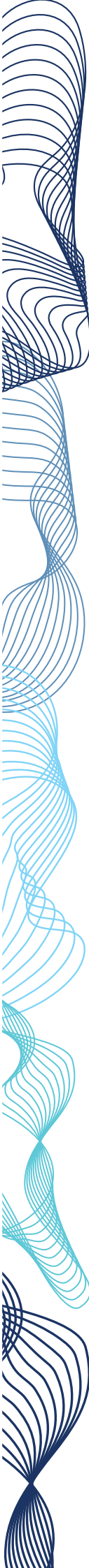
NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 12 nov. 2025.

NAVAS, A. L. **Dislexia e a lei: os direitos garantidos pela Lei nº 14.254/21**. Instituto ABCD, 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.

RONKSLEY-PAVIA, M. et al. A scoping literature review of generative artificial intelligence for supporting neurodivergent school students. **Computers and Education: Artificial Intelligence**, v. 9, 2025.

RUSSELL, Stuart J.; NORVIG, Peter. **Inteligência artificial: uma abordagem moderna**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.



SELWYN, N. **Education and technology: key issues and debates**. 2. ed. London: Bloomsbury Academic, 2016.

UNESCO. **AI and education: guidance for policy-makers**. Paris: UNESCO, 2021.

UNESCO. **Reimagining our futures together: a new social contract for education**. Relatório da Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação. Paris: UNESCO, 2022.

VALENTE, José Armando. Integração do pensamento computacional no currículo da educação básica: diferentes estratégias usadas e questões de formação de professores e avaliação do aluno. **Revista E-curriculum**, v. 14, n. 3, p. 864-897, 2016.

VIEGAS, M. F. Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica. **Educação e Pesquisa**, v. 48, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/7Jx7mQXpBGZp5CLgcW94WHy/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 08 mar. 2026.

WILLIAMSON, B. **Big data in education: the digital future of learning, policy and practice**. London: SAGE, 2020.